

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO VI

HOMENAGEM AO PROF. PIERRE DAVID  
VOLUME I



COIMBRA / 1955

## Um construtor naval francês em Portugal e Espanha (1718-1721)

Um dos problemas que preocuparam o governo de D. João V desde os primeiros anos do longo reinado deste soberano foi o da reconstituição e desenvolvimento da marinha de guerra (\*). Circunstâncias diversas, mas convergentes, deviam realmente sugerir a necessidade de uma política naval eficaz, que se traduzisse num efectivo aumento do poder marítimo português, nesse tempo bastante reduzido.

Havia a considerar, antes de mais, a extensão e dispersão do império e a protecção das frotas do Brasil, que eram de fundamental importância para o comércio nacional. Sem as naus — observava em 1712 o marquês de Fronteira — não se podiam «concever, nem desfrutar os thezouros da America» (2). Em segundo lugar, o país estava envolvido desde 1704 na guerra da Sucessão de Espanha e os ataques dos Franceses ao Rio de Janeiro em 1710 e 1711 constituíram um aviso alarmante, claramente compreendido em Lisboa, onde então foi sugerida a compra, ou mesmo o simples empréstimo de navios na Inglaterra e na Holanda (3). Por outro lado, a construção naval portuguesa, nos princípios do século xviii, sofria de graves deficiências que a inferiorizavam em relação à de

(\*) Visconde do Santarém, *Quadro elementar*, t. V, Paris, 1845, p. 0CXÍJV-fdCXTjVI; E. Brasão, *D. João V e a Santa Sé*, Coimbra, 1937, p. 133 e nota.

(2) Cfr. Virgínia Rau e M. Fernanda Gomes da Silva, *Os manuscritos do Arquivo da Casa de Cadaval respeitantes ao Brasil*, vol. II, Coimbra, 1958, p. 108-110.

(3) *Ibid.*, p. 182-83. Por altura de 1711(2), certo autor anónimo dirigiu ao Rei um *Arbitrio (...) para poder hauer neste reyno sincoenta naos de Guerra(...)*. — importante documento que noutra ocasião publicaremos. Sobre os ataques franceses ao Rio de Janeiro a síntese mais recente é a de C. R. Boxer, *The Golden Age of Brazil, 1695-1750*, Berbeley, 1962, p. 84-105.

outros países (4)- Finalmente, alguns anos depois (1716-1717), também o desejo de corresponder aos apelos do Papa ante o avanço turco no Mediterrâneo devia influir na política naval de D. João V (5), que as necessidades do ultramar e os perigos decorrentes das questões europeias haviam ainda de confirmar e desenvolver.

Esta política veio a concretizar-se numa série de medidas de diversa natureza. Compraram-se navios na Holanda e na Inglaterra (6). Oficiais de várias nacionalidades, certamente com mais conhecimentos e experiência do que os portugueses, foram contratados para comandar barcos nossos (7). O arsenal da (Marinha em Lisboa, dirigido pello marquês de Fronteira, parece ter sido objecto de particular atenção do Rei, que nele fez realizar obras importantes, e, tendo em vista o seu alargamento, encarregou o engenheiro húngaro Carlos Mardel do projecto de uma nova construção, associada naturalmente aos planos de melhoramento do porto da capital (8). As construções navais tomaram sensível

(4) V. Rau e M. J. Fernanda G. da Silva, *ob. cit.*, vol. II, p. 56-57, /120-121;

C. R. Boxer, *The Carreira da Índia (Ships, Men, Cargoes, Voyages)*, in *O Centro de Estudos Históricos Ultramarinos e as Comemorações Henriquinas, Lisboa, 1.961*, p. 39,

(5) E. Brasão, *ob. cit.*, p. 11214170.

(6) Santarém, *ob. cit.*, t. V, p. IOCXILVI (nota) e IÜCIL; E. Brasão, *ob. cit.*, p. 1135 (nota), 14\*3 (n.º 2) e '144 (nota).

(7) Pedro de Azevedo, *A Companhia da ilha do Corisco*, in *Archivo Histórico Portuguez*, vol. I, 1903, p. 424; M. Lopes de Almeida, *Notícias históricas de Portugal e Brasil (1715-1750)*, .Coimbra, 19611, *passim*.

(8) *Description de la ville de Lisbonne*, Paris, 1730, p. 29, 48-49; Merveilleux, *Mémoires instrvctiis pour un voyageur*, t. II, Amsterdam, 173\*8, p. 15S; D. António C. de Sousa, *História Genealógica*, 2.ª ed., t. VIII, Coimbra, 1195U, p. 142; Santarém, *ob. cit.*, t. V, p. OCXLV, nota 1; A. Loureiro, *Os portos marítimos de Portugal e Ilhas adjacentes*, vol. III, parte II, Lisboa, 1906, p. 481-483 ; C. G. de Amorim Loureiro, *Estaleiros navais portugueses. Subsídios para a história da construção naval de ferro e aço em Portugal. I — Arsenal da Marinha*, Lisboa, 1960, p. 10; A. Teixeira da Mota, *Da Ribeira das Naus e Casa da Índia ao Ministério da Marinha*, in *Anais do Clube Militar Naval*, t. XCI, 1961, n.º 4-6, p. 205-221. A *Relación del Socorro que el Rey D.º Juan Quinto de Portugal embia al Pontifice Clemente Vndecimo contra los Turcos (1/7116)* informa que «para el aumento de las fuerzas maritimas se hauian echo nuevos Almagacenes y otras obras magnificas y precisas en el Arsenal de Lixboa...» (A. G. S. [= Arquivo Geral de Simancas]: *Estado*, leg. 7082).

incremento, não só nos estaleiros da metrópole, mas também nos do ultramar, designadamente no Draisdl <sup>(9)</sup>. A fim de vencer os atrasos e deficiências a que há pouco aludimos, procedeu-se à aquisição, na Finança e na Holanda, de numerosos livros sobre a arte de navegar, construções navais e todos os assuntos relacionados com a marinha <sup>(10)</sup>. Mas de importância talvez ainda maior foi a (iniciativa de trazer ao nosso país mestres estrangeiros de reconhecida competência em matéria de construção de navios, dando-lhes oportunidade de aplicarem e ensinarem novas técnicas <sup>(11)</sup>).

Nem sempre terá sido fácil obter e conservar a colaboração desses artífices especializados de outros países, numa época em que eles constituíam elemento de valor considerável no quadro das rivalidades económicas suscitadas pela política mercantilista. Cada Estado procurava, por meio até de sanções rigorosas, impedir a saída dos seus técnicos e ao mesmo tempo esforçava-se por aliciar os estrangeiros, utilizando frequentemente como intermediários os agentes diplomáticos <sup>(12)</sup>.

Foi precisamente o embaixador de Portugal na corte de Luís XV, D. (Luís Manuel da Câmara, conde da Ribeira Grande, que em

i<sup>(9)</sup>! Quirino da Fonseca, *Os Portugueses no Mar. Memórias históricas e arqueológicas das naus de Portugal*, vol. I, (Lisboa, 119126, p. 503-6(27; S. da Rocha (Pita, *Historia da America Portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed., Baía, 19(50, p. 97-9\*8, 375, 402-403; V. Rau e M. (Fernanda <G. da Gilva, *ob. cit.*, vol. XI, p. 1116, 154, 16)2, 297; C. R. Boxer, *The Carreira da índia, 1650-1750*, in *The Mariner's Mirror*, vol. 46, 1960, n.º 1, p. 5'2-54, e do mesmo autor, *The Carreira da índia (Ships, Men, Cargoes, Voyages)*, cit., p. 412-43; M. Lopes de Almeida, *ob. cit.*, p. 9, 34, 38, 4)2, 77, lililí, 116', 1227. Ver também os nossos estudos *O engenho do Pinhal do Rei no tempo de D. João V e Um construtor naval inglês em Portugal (1721 - 1723)*, a publicar na *Revista Port. de História*, t. X.

<sup>(10)</sup> Documentos a publicar noutro estudo.

<sup>(11)</sup> Ver as obras citadas na nota 9.

<sup>(12)</sup> Esta política vinha já do século xvii, pelo menos. Cfr. Duarte Ribeiro de Macedo, *Sobre a introdução das artes (/1675)*, in A. «Sérgio, *Antologia dos economistas portugueses*, Lisboa, 1924, p. 208; H. Sée, *L'évolution commerciale et industrielle de la France sous l'Ancien Régime*, Paris, 1925, p. 131-133; DP. Boissonnade, *Colbert*, Paris, 19312, p. 1240-241; A. Piettre, *Économie dirigée d'hier et d'aujourd'hui*, Paris, 11947, p. 70, 84-85; J. Vicens Vives, *Manual de historia económica de España*, Barcelona, 1959, p. 439, 472. Sobre o ««belicismo» dos mercantilistas e suas consequências no plano económico ver È. Silbemer, *La guerre dans la pensée économique du XVI<sup>e</sup> au XVII<sup>e</sup> siècle*, Paris, 11939, p. 7-»li2i2,

1718 contratou e fez vir para Lisboa um construtor naval francês. Desde o ano anterior, pelo menos, realizava diligências nesse sentido, apesar das dificuldades que se lhe deparavam, negociando com dois dos melhores mestres de França, na esperança de que algum deles acabasse por aceitar as condições propostas (13). E de facto, em fins de Fevereiro de 1718, comunicava para Lisboa ter chegado a acordo com um construtor que aprendera em Toulon e Brest e do qual tinha boas informações (14). A 12 de Julho, o embaixador espanhol junto de D. João V, marquês de 'Capecelatro, informava o seu governo: «El Conde de Rivera há encaminado de Paris vn Maestro para fabrica de Navios...» (15). Deve ter chegado no dia 8, fazendo parte da viagem por mar, de Nantes até Vigo, e o resto do percurso por terra (16).

Mínuciosamente interrogado pelo cônsul francês em Lisboa, Sainte Colombe, teve de confessar que saíra do seu país sem licença do Conselho da Marinha nem da 'Corte, forçado pela necessidade de ganhar a vida. Escrevendo ao Conselho da Marinha sobre o assunto, lembrava o cônsul que a vinda do construtor era obra do conde da Ribeira e acrescentava, enfadado: «Le Conseil aura agréable de remarquer, s'il luy plaît, que cet Ambassadeur veille sans cesse a trouuer les moyens de débaucher nos meilleurs ouuriers, pour les envoyer en Portugal» (17).

O referido mestre não era o primeiro a vir de França para o nosso país no tempo de D. João V, nem seria o último. Já em 1711 se encontrava na capital portuguesa um francês «perito nesta arte»

<13) *Doc. i.*

i(i4) *Doc. 2.*

»(15) Capecelatro ao marquês de (Grimaldo. Lisboa, 12-Julho41-71'8 — A. G. S.: *Estado*, leg. 70\*9\*6-.

(16) *Doc. 3.*

(17) *Doc. 4.* São conhecidos alguns factos que confirmam esta informação do cônsul francês. Assim, em 11(7)1\*7, mandou o conde da Ribeira para a ilha de S. Miguel (Açores) 53 artífices franceses, que ali desenvolveram a indústria dos lanifícios. No ano seguinte fez vir de (Paris) o mestre vidreiro Perrot, para estabelecer no nosso país uma fábrica de vidros. Cfr. Santarém, *ob. cit.*, t. V, p. LXIV (nota) e D70 (nota '262) ; Fortunato de Almeida, *História do Portugal*, t. V, 'Coimbra, '11912(7, p. 35®, 366; Urbano de Mendonça Dias, *Tecelões e tecedeiras da Ilha de São Miguel*, in *Indústria Portuguesa*, ano 2\*1.º, 104«, p. 4(2'7.

de fazer navios (18). Em 1715-1716 temos notícias do mesmo ou de outeiro, que, juntamente com um holandês, trabalhava na Ribeira das Naus de (Lisboa (19). Mais alguns viriam, anos depois, e os seus nomes aparecem-nos ligados à actividade dos estaleiros não só na metrópole, mas até na Índia (20).

O construtor naval francês que chegou a Portugal em 1718 chamava-se José 'Guioard e era natural de Toulon. Recebera do conde da Ribeira 500.000 réis para as despesas da viagem e ficara a soldo do Rei, com o ordenado de uma moeda de ouro por dia, tendo-se obrigado a ensinar alguns discípulos (21). A crise do porto de Toulon no fim da guerra da Sucessão de Espanha levou-o a aceitar a proposta portuguesa, que lhe proporcionava uma melhoria de situação (22). Não temos notícia dos trabalhos que porven-

(18) «Um dia destes se deitou ao mar huma Nao que El (Rey aqui mandou fazer por hum Francez perito nesta arte e dizem que está boa; so teue o encalhe de se gastarem muitos dias para hauer de sair a agoa, naõ sey se por falta de aparelhos, se de vontade, nao digo do tal Francez, mas dos nossos Mestres portuguezes» (J. Soares da Silva, *Gazeta composta em iorma de carta*—B. N. -Lisboa: (F. G., Ms. 512, fl. 188). A notícia é de 15 de Setembro de 1711.

(19) Em (26 de Fevereiro de 1715, o embaixador francês em Lisboa, abade de Mornay, referia-se a um construtor naval que trabalhava no nosso país e logo acrescentava: «Je pourrais... rengager a repasser en franoe et si jl ny estoit point employé, ses talents au moins cesseroient d'estre Utiles a d'autres Nations» (Cit. por M. Celeste Leite dos Reis, *O Embaixador de Mornay, 1714-1720*, dissert, dactil., vol. I, Lisboa, s. d., p. 154). Cerca de um ano depois (14-Abril->1716), era o representante da Espanha, Capecelatro, que, escrevendo a Grimaldo, aludia a dois navios «que se están aqui haziendo, vno por quenta del Rey y otro por la del Comercio, en que trabajan dos Artífizes, vno Glandes y otro Francés, y se les assiste cada dia con una moneda de oro que vale nouenta y seis Reales de Vellón...» (A. G. 'S.: *Estado*, leg. 7082).

(20) Quirino da Fonseca, *ob. cit.*, p. 570-571; '*Correspondencia do Marquez de Castello Novo, quando V. Rei e Capitão General da índia (...) principiada (...) em 10 d\*Agosto de 1744, in Arquivo das Colónias, vol. liV, 1\*9119, p. 2108-271, e vol. V, 1030, p. 90, 107.*

(21) *Does. 2 e 6.* O nome aparece escrito de muitas formas. Em cartas originais com assinatura autógrafa (*Does. 16 e 17*) o próprio mestre francês escreve uma vez «Guioard» e outra vez «Gairoard».

(22) *Doc. 4.* «La situation dans l'arsenal était lamentable, les magasins étaient vides et les travaux arrêtés, faute d'argent et de matières premières. [...] La majorité des matelots et ouvriers émigrèrent en Italie» (C. Abouoaya, *Les intendants de la Marine sous l'Ancien Régime*, Gap, 1058, p. 123). Agra-

tura realizou ou dirigiu nos estaleiros de Lisboa, mas sabemos que era considerado bom artífice pelos naturais e estrangeiros e que fez vir de Marselha — ante a indignação do cônsul Sainte Colombe — um grande modelo de barco, de cerca de 20 pés de comprido (23).

Ora, por altura de Maio de 17119, José Guiroard entrou em contacto com o embaixador espanhol, a fim de obter colocação no país vizinho para seu irmão João Guiroard. Os conhecimentos profissionais deste, segundo parece, relacionavam-se também com a marinha, mas deviam ser inferiores aos do irmão, porque Capece-latro logo aproveitou a oportunidade para sugerir a passagem de José Guiroard à Espanha, tanto mais que se encontrava naquele momento sem qualquer construção (24).

No mesmo -sentido escreveu o embaixador ao cardeal Alberoni, célebre ministro de Filipe V, que então orientava a política de Espanha. A sugestão devia ser bem recebida, porque ia ao encontro da obra de ressurgimento da marinha espanhola realizada por Alberoni e tenazmente continuada mesmo após a derrota de Cabo Fassaro (1718), frente à armada inglesa de Byng (25). Oe facto, o cardeal começou por recomendar a Capece-latro que fosse 'entretendo Guiroard, de modo a tê-lo seguro para quando se tornasse necessário, e em Outubro de 1719 autorizou-o positivamente a entregar uma pequena soma ao mestre francês, a fim de que se encaminhasse a Cádiz, onde encontraria as ordens relativas ao seu destino (26).

Essa viagem, porém, não se realizou sem embaraços, como era de esperar. Ao tentar obter licença do governo português para deixar o país, Guiroard recebeu uma recusa, com a alegação de que

decemos ao Prof. (Frédéric Mauro as diligências que amavelmente se prestou a realizar em França no sentido de descobrir quaisquer dados biográficos de Guiroard.

(23) > [Does. 5, 6 e 7.

(24) > Doc. 6.

(25) Cfr. (C. Fernández Duro, *Libro quinto de las Disquisiciones Náuticas*, Madrid, 1880, p. 167-169, '23)1423i9, e *Armada española*, t. VI, Madrid, 1900, p. IHO-MI, 1131, 209-214; G. de Artíñano y de Galdácano, *La arquitectura naval española (en madera). Bosquejo de sus condiciones y rasgos de su evolución*, Madrid, 1920, p. 15U-U52 ; M. Fernández Almagro, *Política naval de la España moderna y contemporánea*, Madrid, 1946, p. 62-74; P. Muret, *La prépondérance anglaise (1715-1763)*, 3.ª ed., Paris, 1949, p. 94-102.

(26) Docs. 8, 9 e 10.

pretendiam ocupá-lo nas construções navais do Brasil. Sem se dar por vencido, prosseguiu no seu intento e, logo que pode alcançar meio de transporte, partiu da capital portuguesa, a 1 de Dezembro de 1719 <sup>(27)</sup>.

'Chegado a Cádiz, em breve o assaltaram as desilusões. Embora Capecelatro tivesse falado a Alberoni do seu bom modo e habilidade, considerando-o por isso digno da «real munificência» de Filipe V <sup>(28)</sup>, certo é que nos princípios de Fevereiro de 1720 ainda não tinha destino certo. Como entretanto o embaixador espanhol em Lisboa lhe escreveu diversas vezes, enviando-lhe o modelo de barco e um livro de matemática, Guioard aproveitou a oportunidade da carta de agradecimento para expor a sua situação. A corte de Madrid manifestava a intenção de utilizar os seus serviços e mostrava-se satisfeita com as provas que dera, mandando até perguntar-lhe quanto queria ganhar enquanto esperava colocação definitiva. Mas afinal continuava sem «breuet ni Rang dans la marine». Apelava, pois, para a protecção de Capecelatro, lembrava as garantias com que saíra de Portugal e prometia trabalhar de maneira que o embaixador não teria de se arrepender da sua intervenção <sup>(29)</sup>.

Três meses depois, nada se modificara na situação do construtor francês, já impaciente. As cartas que escrevia ao secretário da Guerra e Marinha, D. Miguel Fernández Durán, não obtinham resposta, e o intendente Francisco de Varas y Valdés <sup>(30)</sup> dizia-lhe repetidamente que ele e o irmão estavam «destinez pour les Indes» e que não se preocupasse, porque havia tempo para tudo <sup>(31)</sup>.

Finalmente, em Julho, Guioard foi chamado à corte e depois enviado ao porto de Santofia, na costa norte da Espanha, para aí trabalhar na construção naval <sup>(32)</sup>. A sua nomeação como «Constructor de nauios», feita em nome do Rei, e de 14 de Outubro do mesmo ano <sup>(33)</sup>.

<sup>(27)</sup> *Does. 11, 12, 15, 14 e 15.*

<sup>(28)</sup> *Doc. 11.*

<sup>(29)</sup> *Doc. 16.*

<sup>(30)</sup> Há correspondência deste intendente para Capecelatro no A. G. S.: *Estado*, leg. 7108.

<sup>(31)</sup> *Doc. 17.* João Guioard tinha chegado a Cádiz a 1 de Agosto de 1719, portanto alguns meses antes do irmão (*Doc. 19*).

<sup>(32)</sup> *Doc. 19.*

<sup>(33)</sup> *Doc. 18.*



Procurou então obter a colaboração do irmão, o que lhe foi concedido, desde que este obtivesse a aprovação de D. José Patiño, o activo e enérgico intendente geral da Marinha (desde 1717). Mas em Fevereiro de 1721 ainda João 'Guioard se encontrava em Cádiz, esperando, em vão, a solução do seu problema. Escrevendo então a Capecelatro, queixava-se amargamente e dizia estar «sur le point d'abandonner» (34). É provável que os dois franceses não tenham conseguido, neste ponto, a realização dos seus desejos (35).

A partir desta altura perde-se o rasto dos irmãos Guioard, mas é bem possível que José, estabelecido em Santoña, tenha colaborado na reconstituição da marinha 'espanhola, que Patiño e Gastafieta continuavam, de forma sistemática, após a demissão de Alibéroni (Dezembro-1719) (36).

De qualquer modo, o episódio relatado nesta nota fica como mais um testemunho do interesse com que Portugal e a Espanha, no primeiro quartel do século xviii, procuravam desenvolver e renovar a sua construção naval.

¡LUÍS FERRAND DE ALMEIDA

(34) *Doc. 19.*

(35) A carta de João Guioard para Capecelatro (Doc. 19) tem no verso da última folha a seguinte nota: «No se respondió».

(36) ¡Sobre as construções navais em Espanha e na America espanhola durante a primeira metade do século xviii ver: D. António de Castañeta, *Proporciones de las medidas mas esempciales(...) para la Fabrica de Navios, y Fragatas de Guerra (...)*, Madrid, 1720; Adolfo de 'Castro, *Historia de Cádiz y su provinda desde los remotos tiempos hasta 1814*, Cádiz, 1858, p. 4-85; C. ¡Fernández 'Duro, *Libro quinto de las Disquisiciones Náuticas*, cit., *passim*, e *Armada española*, t. VII, p. 12 09-121-8; A. Rodríguez Villa, *Patiño y Campillo*, Madrid, 1832; G. de Artífano y de Galdácano, *ób. cit.*, p. 1153, 1-60-165, 1-85-11912, 201-1231; M. de Asúa y Campos, *El real astillero de Guarnizo. Apuntes para su historia y la de los pueblos de Guarnizo y Astillero*, Madrid, s. d., p. 29-45 ; M. Fernández Almagro, *ób. cit.*; I. Béthencourt Masrieu, *Patiño en la política internacional de Felipe V*, Valladolid, 1954, p. 18-19; idem, *El real astillero de Coatzacoalcos (1720-1735)*, in *Anuario de Estudios Americanos*, <t. XV, 1958, p. 371-428; idem, *Arboladuras de Santa Maria de Chimalapa-Tehuantepec en las construcciones navales indianas, 1730-1750*, in *Revista de Indias*, vol. XX, 1960, n.º 719, p. 65-101; A. Meijide Pardo, *Contribución a la historia de la industria naval de Galicia. Los arsenales de Ferrol en el siglo xviii*, in *Congreso Internacional de História dos Descobrimentos. Actas*, vol. CEl, (Lisboa, 1961), p. 5123-5\*60.

DOCUMENTOS

**1**

O Conde da Ribeira» embaixador em Paria»  
a Diogo de M. Corte Real» e secretário de Estado

*Paris, 23-Agosto-1717*

[...]. Se a Nao que se botou ao mar tiver boas manhas, poderá o Mestre Inglez continuar com a Fabrica da Ribeira, e ao Marquez de Fronteyra tenho avizado -os contratemos que experimentey para remetter o que 'S. Mag.<sup>e</sup> dezejava, e que por hora estou em ajuste com dous dos melhores deste Reyno e espero que algum déliés se accommode com as comdições que tenho ordenado para prometterlhe. [...].

(;Cópia)

(Biblioteca Nacional de Madrid: *Ms. 7545*).

**2**

O Conde da Ribeira a Diogo de M. Corte Real

*Paris, 21 -Fevereiro-1718*

[...]. (Em virtude da ordem que tive de S. Mag.<sup>e</sup> para ajustar hum Mestre de navios para a Ribeyra das náos, conclui com hum que tinha apprendido em Toulon e em Brest, homem ja mayor e de que tenho boas informações, accommodandose por hora, até mostrar o seo préstimo, com 400... <sup>(1)</sup> cada anno e 500... <sup>(2)</sup> para a jornada, com obrigaçã de ensinar alguns discipulos, de cujo contratto avizo ao Marquez de Fronteyra, remet tend olho.

('Cópia))

,(IB. N. Madrid: *Ms. 7545*).

<sup>1)</sup> Sinal ou abreviatura invulgar, talvez correspondente à palavra *cruza-dos*, segundo hipótese do ;St. Doutor Damião Peres.

<sup>2)</sup> (Abreviatura de *mil réis*, segundo informação do Sr. Doutor Damião Peres. Aproveitamos a ocasião para agradecer ao nosso antigo Mestre o auxílio que tão amavelmente nos prestou.

**3**

O cônsul Sainte Colombe ao Conselho da Marinha

*Lisboa, 12-Jútho-1718*

Portugal

Le S. de 'S.<sup>te</sup> Colombe  
A Lisbonne, il 2 Juillet 1718

Je prends la 'liberté d'informer le Conseil qu'il est arrimé jcy depuis quatre jours vn françois, provençal de nation, qui se nomme Guerouard, lequel dit aaioir serui dans l'arsenal du Port de Toulon en qualité de constructeur. JI s'est embarqué a Nantes et s'est débarqué a Vigo crainte des Salletins, d'ou jl est venu jcy par terre. Il a vn autre françois avec luy, qui est marié et qui a amené sa femme. C'est M. le Comte de 'Ribeyra qui a envoyé ce constructeur en Portugal. Il est adressé a M. le Marquis de (Frontières (sic), qui a le 'Departement de la Marine. J'ay demandé «au d. S.<sup>r</sup> Guerouard s'il auoit eu la permission du Conseil de Marine de passer a Lisbonne; jl m'a asseuré qu'ouy. Comme jl a esté chercher a se loger et que je ne sçay pas encore l'endroit ou jl demeure, au moment que je l'apprendray je 'leur enverray a tous trois de venir me trouer et d'apporter avec eux leurs ordres et passeports pour les voir et ensuite j'auray l'honneur d'jnformer le 'Conseil de tout oe que j'auray appris.

A Lisbonne, le 12 Juillet 1718  
S.<sup>o</sup> Colombe

(Orig.).

(Arquivo Nacional de Paris: *Aitaires Étrangères*, O<sup>1</sup>, 656).**4**

Sainte Colombe ao Conselho da Marinha

*Lisboa, 2-Agosto-1 718*

Portugal

Le S. de S.<sup>te</sup> Colombe  
A Lisbonne, '2 aoust 1716

J'ay j^honneur d'informer le Conseil que j'ay fait chercher le nommé Guerouard, constructeur, qui a seruy cy deuant en la d. qualité dans les Ports de Toulon et de Brest et luy ay fait dire de venir me parler, ce qu'il fit hier, et, l'ayant jnterrogé a fond sur son arrimée a Lisbonne, jl me declara qu'il n'avoit point eu de permission du .Conseil, ni de la Cour de France pour venir jcy,

mais que luy ayant osté son entretien depuis près de deux ans, que ne bâtissant point a Toulon, que tous les vins et autres denrées ne s'y vendant point, faute de consommation, et ne pouuant plus trouver moyen de subsister, jl auoit esté obligé de venir jcy pour tascher de gagner du pain. Je luy ay dit qu'il auoit très mal fait de quitter sans en auoir la permission, que j'aurais l'honneur d'en informer le Conseil, et, qu'en attendant que j'aye receu les ordres qu'il aura agréable de me donner a son sujet, je luy defiendo is ma maison; qu'il ne seroit point regardé du tout jcy comme français; qu'il ne jouiroit d'aucun priuilege accordé a la nation et qu'il ne seroit point réputé estre sous la baniere de France. C'est M.<sup>r</sup> le Comte de Ribeyra, Ambassadeur de Portugal a la Cour de France, qui a fait débaucher ce constructeur et qui luy a donné de l'argent pour faire son voyage. Le Conseil aura agréable de remarquer, s'il luy plait, que cet Ambassadeur veille sans cesse a trouuer les moyens de débaucher nos meilleurs ouuriers, pour les envoyer en (Portugal.

[.....]•

A Lisbonne, le 2.<sup>e</sup> aoust 1718  
S.<sup>te</sup> Colombe

(Orig.).

(JA. N. Paris: *AH. Étrangères*, B<sup>1</sup>, 656).

## 5

### Sainte Colombe ao Conselho da Marinha

*Lisboa, 21-Março-1719*

Portugal

Le S. de S.<sup>te</sup> Colombe, a  
Lisbonne, 21 mars 1719

J'ay l'honneur d'jnformer le Conseil que le nommé Gueyroard, cy devant •  
Maistre Constructeur au Port de Toulon^ a fait venir de Marseille, par la  
barque appellée de S.<sup>l</sup> Jean ;Baptiste, du d. Marseille, Capitaine Brives, dont  
le subreorgue s'appelle l&oucheiran 'Gautier, vne carcasse de Vaisseau tout entier  
d'environ 20 pieds de long, ayant tous ses membres sans cordages, ce que nous  
appelions dans les ports modelle de batiment pour les constructions. Le modélie  
estoit dans vne tres grande caisse. Je ne sçay pas comment l'on a pu a Mar-  
seille en permettre la sortie et le capitaine Brive, qui l'a embarqué, merite  
punition, attendu qu'il n'a pu jgnorer que c'estoit vn modelle de vaisseau qui  
estoit dans la caisse qu'il a embarquée, ainsi qu'il l'a expliqué luy mesme dans  
le connoissement cy joint qu'il en a donné; et ce meme capitaine, depuis deux  
mois qu'il est jcy, ne m'a jamais déclaré avoir apporté la d. caisse que depuis  
deux jours, qu'il s'est venu plaindre a moy qu'on estoit venu le chercher dans  
son bord, aussitôt son arrivée, par ordre du Roy de Portugal, et qu'on ne  
voiiloit pas présentement luy en payer le fret; et c'est par cette raison seule

que j'ay découvert cette affaire, 'sans quoy le d. capitaine ne m'en auroit jamais parié.

A Lisbonne, le 21.® mars H1719

'S.<sup>te</sup> Colombe

(Orig.).

(>A. N. (Paris: *AH. Étrangères*, B<sup>1</sup>, 6517).

## 6

O Marquês de Capcelatro, embaixador da Espanha  
em Lisboa, ao Cardeal Alberoni

*Lisboa, 30-Maio-1719*

¡Em.<sup>mo</sup> ¡Señor

¡Señor. Por medio del Marques de Grimaldo expusé al Rey (Oios le guarde), en 12 de lullio del año p. p. como tenia encaminado â esta Corte el Conde de la Riuera un Maestro fabricante de Nauios nombrado Ioseph Gairoar, natural de Tolon, el qual ha passado â mi Possada, acompañando a luán Gairoar, su hermano, por los desseos de que este sea empleado en el real seruicio de S. M., en las fabricas de Nauios ô para algún otro Exerçio perteneciente â Marina, y como dicho Joseph se halla con azeptaacion de buen Artifize entre los naturales y extrangeros, he considerado si en la coyuntura presente podrá S. Mag.<sup>d</sup> necessitar de él, por lo quai passe â tantear si quería dirigirse ô no â España, en vista de hallarse ôy sin constniçion alguna, y de que podría ser el mejor medio para que su hermano quedasse empleado. Respondióme estaba al Sueldo de este Soberano con vna moneda de ôro Ô 96 reales de Vellón al dia, ademas de 50 doblones que le subministro el dicho Bmbaxador para su Viage; no obstante querria saver, antes de tomar su deliverazion, que Estipendio se le 'asignaría y el Parage^ porque en Galicia ô en Vizcaya podra convenir, aunque no se le diesse tanto, pero huiendo de mantenerse en Andaluçia ô .Cathaluña, tenia diferente quenta; de todo lo qual he querido prevenir a V. Em.<sup>l</sup> para que, en esta inteligencia, S. Mg.<sup>d</sup> me ordene lo que hallare mas de su real Seruicio. Nuestro ¡Señor guarde a V. Em.<sup>l</sup> los muchos años que desseo y he menester. Lixboa, 30 de Mayo de 1719.

Em.<sup>co</sup> ¡Sr. ¡Cardenal Alberoni

(Minuta)

(A. G. (S.: *Estado*, leg. 71104).

7

Sainte Colombe ao Conselho da Marinha

*Lisboa, 6-Jttnho-2?19*

Portugal

Le S. de S.<sup>te</sup> Colombe, a  
Lisbonne, 6 Juin 1719

J'ay receu la lettre que le Conseil m'a fait l'honneur de m'escire au sujet d'un modelle de vaisseau en bois que le s.<sup>r</sup> Gueyrouard a fait venir de Marseille. Jcy je n'en ay parlé a personne qu'a M. l'ambassadeur et en cela, comme en toutes autres dioses, je me garderay bien de faire aucunes procedures, n'y d'entamer aucunes affaires douteuses sans auoir receu préalablement les ordres du Conseil. Lorsqu'il arriue des affaires pressantes, je ne fais pais la moindre demarche que par les ordres de M. l'ambassadeur et a l'esgard de celle du modelle du vaisseau jl n'en a esté n'y n'en sera fait aucune mention, ainsy que le «Conseil a agréable de me l'ordonner.

A Lisbonne, le 6<sup>e</sup> juin 1719

(Orig.).

S.<sup>te</sup> Colombe

(A. N. Paris: *Ait, Étrangères*, B<sup>1</sup>, 657)«.

8

Capecelatro a Alberoni

*Lisboa, 4-Julho-1719*

[...]. En observançia de lo que V. Em.<sup>a</sup> se ha seruido prevenirme, no dexaré de entretenir quanto me fuere factible al Constructor de Nauios, para que, en caso de nezessitarze, podamos tenerle seguro [...].

(Minuta).

(A. G. S.: *Estado*, leg. 7103, n.º 43).

9

Capecelatro a Alberoni

*Lisboa, 3-Outvtbro-1719*

Em.<sup>co</sup> Señor

Señor. Mediante lo que V. Em.<sup>a</sup> se sirvió prescrivirme en 20 de Junio p. p.<sub>1</sub> he ido deteniendo (3) \*[a Monsieur]\* Ioseph Gueiroir, \*[constructor de

'(3) iRiscadas as palavras «al Constructor de (Nauios)». Colocamos entre colchetes e asteriscos ais palavras entrelinhadas.

nabios]\*<sup>(4)</sup>, y considerando que <sup>(5)</sup> las muchas ocupaciones de V. Em.<sup>1</sup> pueden haverle borrado esta Espeçie <sup>(6)</sup><sub>f</sub> he querido -renovársela, por si <sup>(7)</sup> \* [fuere]\* nezzessaria su persona. Nuestro Señor guarde a V. Em.<sup>a</sup> los muchos años que desseo y he menester. Lixboa, 3 de Octubre de 1719.

Em.<sup>mo</sup> S.<sup>r</sup> Cardenal Alberoni.

'(Minuta)

'CA. O. S.: *Estado*, leg. 7104).

## 10

Alberoni a Capecelatro

*San Lorenzo el Real, 19-Outubro-1719*

Al Constructor de Nauios Monsieur Gueiroir, de quien V. E. haze mençion en su Carta de 3 del corriente, podrá subministrarle vn pequeño socorro para encaminarse â Cádiz, donde hallará las órdenes tocante â su destinación, ausandome V. E. la suma que fuere, a fin de disponer su reembolso. [...].

(Orig.)i.

(A. G. S.: *Estado*, leg. 7(105).

## 11

Capecelatro a Alberoni

*Lisboa, 31 -Outubro-1719*

Em.<sup>mo</sup> Señor

Señor. En observancia de lo que V. Em.<sup>a</sup> se sirve prescrivirme con su estimable de 19 de este, subministraré al Constructor de Navios Monsieur Gaieiroir asta 20 doblones de â dos Excudas de oro, solo a fin de que pueda executar su Viage â Cádiz, donde se encaminará luego que obtenga la liçençia de este Gouiemo y la reintegración de vna -pequeña porçion que se le deve, no dudando yo que su buen modo, abilidad y Conducta le hagan digno de los efectos de la real munificencia de S. M., tanto mas si lograre la protección de V. Em.<sup>a</sup>, cuya vida guarde (*Dios* los muchos años que desseo y he menester. Lixboa, 31 de Octubre *de* 1719.

Em.<sup>mo</sup> S.<sup>r</sup> Cardenal Alberoni.

(Minuta).

(A. G. S.: *Estado*, leg. 7104).

<sup>(4)</sup> Risc. as pal. «sin darle prenda positiva».

<sup>(5)</sup> Risc. as pal. «el curso de los días y».

><sup>(6)</sup> Risc. as pal. «por lo mismo».

/<sup>(7)</sup> Risc. as .pal. «vbiere llegado el Caso de ser».

## 12

Capecelatro a Alberoni

*Lisboa, 28-Novembro 1719*

Em.<sup>mo</sup> Señor

(Señor. Hauiendo passado Monsieur Gairoar, Constructor de Nauios<sup>^</sup> à despedirse de este Gouiemo, según preuinè a V. Em.<sup>a</sup> en 31 del prezedente, se le ha denegado efl permiso, con pretexto de tenerse ideado ocuparle en las fabricas dei Brasil; no obstante, intensaba dirigir-se à Cádiz, en conformidad de las reales ordenes, pero no lo ha podido executar por faltarle Carruage, el qual lo espera de Badajoz de un dia à otro. Nuestro Señor guarde à V. Em.<sup>a</sup> los muchos años que desseo y he menester. Lixboa, 128 de Nouiembre de 1719.

Em.<sup>mo</sup> iS.<sup>r</sup> Cardenal Alberoni.

(Minuta)

(A. G. S.: *Estado*, leg. 7104)..

## 13

Capecelatro a Alberoni

*Lisboa, 5-Dezembro-1 1719*

Em.<sup>mo</sup> Señor

Señor. En Consequençia de lo que expussè à V. Em.<sup>a</sup> con mi prezedente sobre el Passage de Monsieur Gairoir Constructor de Nauios, para Cádiz, devo añadir como lo executó en el <sup>(8)</sup> 1.º del corriente, \*[llebando carta mi a para el Intendente Con Francisco de Vera y]\* <sup>(9)</sup> el Socorro de 20 doblones que le subministré à este fin, según se seruirà reconoçer V. Em.<sup>a</sup> por su reçiuo adjunto. Nuestro Señor guarde a V. Em.<sup>a</sup> los muchos años que desseo y he menester. Lixboa, 5 de Diziembre de 1719.

Em.<sup>mo</sup> Señor Cardenal Alberoni.

(;Minuta),

(A. G. S.: *Estado*, leg. 7104).

<sup>(8)</sup> Risc. a pal. «dia».

i<sup>(9)</sup> Risc. a pal. «con».



**14**

D. Miguel Fernández Darán a Capecelatro

*Madrid, 8-Dezembro-1719*

Por la carta de V. E. de 28 de Noviembre para el señor Cardenal queda S. M. con la noticia de que el constructor de Na'bios Gueiroir esperaba de un día a otro carruaje de Badajoz para transferirse a Cádiz. Dios guarde a V. E. muchos años como desseo. Madrid, 6 de Diciembre de l'illd.

D.<sup>n</sup> Miguel Fernandez Duran S.<sup>or</sup> Marques de Capezdatro.

&lt;Orig.&gt;.

(A. G. S.: *Estado*, leg. 7H04)..**15**

D. Miguel F. Durán a Capecelatro

*Madrid, 15ADezembro-1719*

En dos ¡Cartas de 5 del corriente para el S.<sup>r</sup> Cardenal anisa V. E. que el constructor de Nabios Gairoir se auia encaminado a Cádiz y socorrido le V. E. con veinte doblones, de que remite ¡Recibo. [...].

(Orig.).

(A. G. S.: *Estado*, leg. »7\*104).**16***Jomé Gairoard a Capecelatro**Câdis, 11 -Fevereiro-1720*

Monseigneur

Jay reoeu le .(sic) trois lettres que Vôtre Excellence ma fait lhonneur de mescrire dans leurs tems^ le modelle de vaisseau et le liure de mathématique, dont je luy rends de très humbles grâces et la suple (sic) très humblement de vouloir bien me continuer l'honneur de sa protection et descrire un mot en ma faueur a la Cour, attendu que je nay point encore reoeu de destination jus-quaujourdhuy. On a marqué a M.<sup>r</sup> de Varras quon estoit bien ayse de me conseruer au serui ce et qu'on estoit content des ouragres (sic) que je presentay icy a messieurs les ¡Commandams de la marine, et on ma fait demander au surplus quest ce que je voulods gagner en attendant ma destination; je leurs ay répondu, et a la Cour aussy, que se nestoit point alture, le ternis, pour que jeus (sic) de volonté que celle dobeir aux ordres de Sa Majesté, et qu'a legard

de mes interest particuliers, je les eroyois entre de (bonnes mains, mes tant confié aux promesses que Votre Excellence ma faites, que je ne croyois pas destre employé a moins dans ce seruioc que dans celluy quelle a marqué a la Cour que jauois dans celuy de Portugal, que, ®y je deuois bientost trauailler, sestoit im petit objet pour les interest de lesitat, et sy au contraire, sen serait un grand pour moy. IAinsy, (Monseigneur, cest a Votre Excellence dapuyer mes interest, veu que je nay encore ny breuet ny Rang dans la marine et que mon frere est toujours a de fort petits salaires. Jespere cette grâce de Votre Excellence, osant me flatter que je trauaïleray de telle maniere pour le serui ce quelle naïtra pas lieu de s'en repentir. Estant avec tout le (Respect que je luy dois

(Le tres humble et très obéissant seruiteur

A Cádiz, ce 11 feurier 1720

Goiiroard

(Orig.)t

(A. G. S.: *Estado*, leg. 71108).

## 17

José Guiroard a Capecelatro

*Cádiz, 11-Maio-1720*

Monseigneur

J'ay différé jusqu'aujourdhy de me donner l'honneur descrire a Votre Excellence, espérant de receuoir quelque ordre de la Cour, de Courrier en Courrier, touchant ma destination, mais je suis encore tout autant scauant ladessus comme le premier jour que je suis arriué, et quoy que jaye escri't plusieurs fois quil serait necessaire de se pouuoir des ouriers propres pour la Construction des vaisseaux plustot que plus tard, les quel (*sic*) retarderont lors quil faudra trauailler, Monsieur IDurand, a qui jen ay escrit plusieurs fois, aussy bien que sur le sujet de mes apointements et destination, jl ne ma pats fait un mot de Repense. M.<sup>r</sup> de Varas, jntendent icy, ma dit seulement, plusieurs (*sic*) fois, que nous estions destinez pour les Indes, que je ne me mit en peine de rien, que nous aurions du tems pour tout. IAinsy, Monseigneur, sy jatandois encore de reoeuoir les memes ordres descrire a Votre Excellence, cella me mènerait trop loin, comme cela a déjà fait, et elle pourrait attribuer mon silence a négligence de luy rendre ce que je luy dois, quoy que je nay pas de plus grand plaisir que celuy de pouuoir lassurer que je suis avec tout le Respect que je luy dois

Monseigneur

Son très humble et tres obéissant seruiteur

Gairoard

A Cádiz, ce 11.\* may 1720

(Oxig.).

(A. G. S.: *Estado*, leg. 7108).

## 18

Titulo de constructor de iranios a D.<sup>n</sup> Ioseph Gueiroard

Balsain, 14 de Octubre de 1720 <sup>(10)</sup>

El Rey = Porquanto he admitido a mi servicio por Constructor de Navios à D.<sup>n</sup> Ioseph Gueiroard, en consideración a los Ynformes adquiridos de su suficiencia, y haviendome suplicado le mande dlár el Despacho que le corresponde, y venido en ello, portanto mando se aya y tenga al referido D.<sup>n</sup> (Ioseph Gueiroard por Construtor de nauios, para que como tal se emplée en los Astilleros a que se le destinare, en la construcción de los que yo resoluiere se fabriquen, arreglándose a las medidas y proporciones que se dieren para ello, sin que, sin expresa orden mia, se puedan alterar por ningún motiuo, [f. 21v.] y asimismo mando a todos los oficiales generales y particulares, Ministros y otras personas a quien tocare o pudiere tocar guarden y hagan guardar al dicho D.<sup>n</sup> Ioseph Gueiroard las honrras y prehemencias que le pertenecen, sin que se le falte en cosa alguna, y que goze con este egercicio ciento y ochenta Excudos de vellón de sueldo al mes, desde 1.<sup>o</sup> del proximo mes de Nouiembre de este año, y se le hande librar por dl Ynbendente ò Ministro à cuia dis tribuzion estubiere el Caudal que se aplicare a la fabrica de nauios, en la forma y a los tiempos que se libren sus sueldos a las demas personas que se emplearen en ella, que assi es mi voluntad, y que de este Despacho se tome la razón en la Contaduría General de la (Distribución de mi Real Hazienda y en los officios de Marina a quien perteneziere. Dado 05.<sup>a</sup> Yo el Rey =\* D.<sup>n</sup> Miguel Fernandez Duran.

(Registo)\*

(A. G. S.: *Secretaría de Marina*, libro 751 [1720-1725], fis. 21 v.->22).

## 19

Jo&o Guiroard a Capecelatro

*Cádiz, 2-Fevereiro-1721*

(Monseigneur

'Comme c'est V. E. qui ma procuré d'entrer dans le Seruioe de S. M. C., je crois- être de mon deuoir de rendre compte à V. E. de la maniere que j'y suis, qui est si contraire à l'Idée quelle m'en auoit fait esperer que ie suis sur le point d'abandonner, ce que je ne feray pourtant pas sans l'aued de V. E.,

<sup>(10)</sup> Palavras à margem no Ms.

et, pour luy faire comprendre les justes motif® que i'en ay, i'auray l'honneur de luy dire que depuis mon arriuée en cette ville, qui fut le premier août 17119, six mois «liant de mon frere, je n'ay été employé en aucune chose; on ma seulement concédé vne paye de 30 Escudos, qui font 20 piastres par mois, avec lesquelles je ne sçauois viure, et même qui ne me sont point payées exactement, puisqu'on me doit de six mois passez. Mon frere fût appelé le mois de Juillet dernier a la -Cour, d'ou on la fait passer à ;S.<sup>4</sup> Ogno (*SIC*) pour y construire. Il m'a demandé pour trauailler sous luy pour Sous Constructeur, ce qui luy fut aocordé mojenant que j'en eusse laprobation de M.<sup>r</sup> de Patino; ce ministre est arriué i.y depuis trois mois, j'ay eû l'honneur de luy présenter vn memorial pour l'instruire depuis le temps que je suis icy à ne rien faire et luy demande de me faire examiner par telle personne qu'il souhaitera, a fin qu'il puisse rendre compte à la Cour si je suis bon pour le seruice à quoy mon frere me demandoit; cependant, comme M.<sup>r</sup> de Patino est occupé a bien d'autres affaires, j'aprehende de ne trouver jamais ce moment et de perdre icy entièrement mon temps. C'est pourquoj j'ay recours a V. E., pour quelle ay la bonté d'en informer la Cour, comme aussy celle de rendre compte à M.<sup>r</sup> de Patino pour que je ne reste pas touiours inutile. J'espere cette grâce de V. E. et celle de me permettre de me dire avec vn tres profond Respect.

Monseigneur

IDE vôte Ex ellence

Le très humble et très obéissant serai teur

Gairoard

À Cadix, le 2.<sup>6</sup> feurier

Monseigneur le (Marquis de Capricilate ((sic)\*.

(OrifrX

(A. G. S.: *Estado*, leg. 7114).